

O CORPO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DAS PRÁTICAS CORPORAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR¹

THE BODY IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS OF BODY PRACTICES IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION

EL CUERPO EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA Y APRENDIZAJE DE LAS PRÁCTICAS CORPORAL EN LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR

Renan Santos Furtado¹, Jonas Gomes Pinheiro², TaynaKeicy da Silva Freitas³,

¹ Graduado em Educação Física (2017). Mestre (2019) e Doutor (2022) em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA (PPGED). Professor efetivo da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (UFPA).

² Graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Pará (2022). Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA (PPGED).

³ Graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Pará (2022).

Correspondência para: renanfurtado@yahoo.com.br

Submetido em 09 de dezembro de 2022.

Primeira decisão editorial em 04 de abril 2023.

Segunda decisão editorial em 06 de junho de 2023

Aceito em 01 de agosto de 2023.

RESUMO

O presente estudo, oriundo de discussões e reflexões realizadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação

¹ Trata-se de uma versão revisada e ampliada do resumo expandido “Qual o lugar do corpo no processo de ensino e aprendizagem das práticas corporais na escola?”, publicado na forma de capítulo no livro oriundo do IV Seminário Conversas com o CAÊ, realizado entre os dias 26 e 28 de outubro de 2021, que teve como tema “Perspectivas da educação em território amazônico: Contribuições de Paulo Freire”. Aproveitamos para agradecer à Universidade Federal do Pará pelo apoio institucional para o desenvolvimento desse estudo por via da concessão de carga horária de pesquisa para o primeiro autor e bolsa de iniciação científica para os demais autores.

da Universidade Federal do Pará (PIBIC-UFPA), discutiu o lugar do corpo no processo de ensino e aprendizagem das práticas corporais na escola. Metodologicamente fez uso de fontes bibliográficas. Apontamos que o corpo possui um lugar de destaque no processo de ensino e aprendizagem das práticas corporais, porém, para que isso se efetive nas práticas pedagógicas, é preciso que o corpore passe a ter o papel de sujeito. Sendo assim, introduzir os indivíduos no universo da cultura corporal de movimento de forma crítica é tarefa da escola e, especificamente, da Educação Física. E isso perpassa certamente por uma nova concepção de corpo. Sendo assim, reforçamos a necessidade de mais reflexões sobre o lugar do corpo nas aulas de Educação Física, especialmente por parte daqueles que projetam para esse componente curricular um horizonte crítico, reflexivo, dialógico, inclusivo e emancipador na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física Escolar. Corpo. Práticas corporais. Ensino e aprendizagem.

ABSTRACT

This study, arising from discussions and reflections carried out within the scope of the Institutional Program of Scholarships for Scientific Initiation and Technological Development and Innovation of the Federal University of Pará (PIBIC-UFPA), aims to discuss the place of the body in the teaching and learning process of bodily practices at school. Methodologically, it makes use of bibliographical sources. We point out that the body has a prominent place in the teaching and learning process of bodily practices, however, for this to be effective in pedagogical practices, it is necessary that the body takes on the role of subject. Therefore, introducing individuals into the universe of body movement culture in a critical way is a task for schools and, specifically for physical education. And this certainly permeates a new conception of the body. Therefore, there is in force the need for further reflection on the place of the body in Physical Education classes, especially on the part of those who project a critical, reflective, dialogic, inclusive and emancipating horizon for this curricular component in contemporary times.

KEYWORDS: School Physical Education. Body. Body practices. Teaching and learning.

RESUMEN

Este estudio, que surge de discusiones y reflexiones realizadas en el ámbito del Programa Institucional de Becas para la Iniciación Científica y El Desarrollo Tecnológico y la Innovación de la Universidad Federal de Pará (PIBIC-UFPA), tiene como objetivo discutir el lugar Del cuerpo em la enseñanza y proceso de aprendizaje de las prácticas corporales em la escuela. Metodológicamente, hace uso de fuentes bibliográficas. Señalamos que El cuerpo tiene un lugar destacado em El proceso de enseñanza y aprendizaje de las prácticas corporales, sin embargo, para que esto sea efectivo em las prácticas pedagógicas, es necesario que El cuerpo asuma el rol de sujeto. Por tanto, introducir a los individuos em el universo de la cultura Del movimiento corporal de forma crítica es una tarea de la escuela y, en concreto, de la educación física. Y esto ciertamente impregna una nueva concepción Del cuerpo. Por ello, reforzamos la necesidad de profundizar la reflexión sobre el lugar Del cuerpo em las clases de Educación Física, especialmente por parte de quienes proyectan un horizonte crítico, reflexivo, dialógico, inclusivo y emancipador para este componente curricular em la contemporaneidad.

PALABRAS-CLAVE: Educación Física Escolar. Cuerpo. Práticas corporales. Enseñando y aprendiendo.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo, oriundo de discussões e reflexões desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação da Universidade Federal do Pará (PIBIC-UFPA), visa discutir o lugar do corpo no processo de ensino e aprendizagem das práticas corporais na escola. Cabe dizer, que neste estudo apresentamos alguns apontamentos desenvolvidos na pesquisa empreendida nos seguintes planos de trabalho: 1) Corpo, Práticas corporais e legitimidade da Educação Física no Ensino Fundamental. 2) Corpo, Práticas corporais e legitimidade da Educação Física no Ensino Médio. Tais planos de trabalho integraram as atividades do projeto de pesquisa “Corpo, práticas corporais e legitimidade: ações de professores em busca por reconhecimento da Educação Física escolar”.

A questão do corpo atravessou séculos e se mantém ainda hoje como uma das mais importantes discussões no que diz respeito às atividades corporais, da consciência do próprio corpo e de suas mobilizações existentes no campo da Educação Física. O corpo na Educação Física se justifica pela demanda de enfatizar por meio de observações a necessidade do estudante em conhecer as funções do seu corpo e estabelecer relações de movimentos que pertencem ao indivíduo em sua totalidade, revelando sentimentos, emoções, experiências vivenciadas por ele, assim como a importância de criar hábitos e atitudes integradas ao corpo, possibilitando a construção da personalidade e da identidade, em outras palavras: se redescobrir.

Freire (2011) destacou por muito tempo foram desconsiderados aspectos fundamentais do desenvolvimento humano, tais como: cultural e social, isto é, todas as reflexões se baseavam no que supostamente existia internamente em cada indivíduo, ao invés do que lhe faltava ou do que era exterior a ele. Portanto, movimentos realizados por indivíduos ao longo do seu desenvolvimento, dependem tanto dos recursos biológicos e psicológicos, quanto das situações do meio sociocultural em que se é inserido.

Quando Le Breton (2012) escreveu o seu clássico texto denominado “A Sociologia do corpo”², o pensador francês apresentou de modo sistemático um novo campo de estudos para as ciências sociais, na medida em que o corpo e a corporeidade humana deveriam passar a ser temas de estudos interligados com os aspectos sociais, políticos, simbólicos e econômicos que perfazem a trama social moderna. Desse modo, alguns campos de estudos foram estabelecidos pelo autor, tais como: técnicas do corpo, corpo e política, corpo e gênero, corpo e deficiência,

²Escrita e editada originalmente em 1992 na França.

corpo e classes sociais, abordagens biológicas da corporeidade etc. Nesse entremeio, a educação do corpo também se faz presente, uma vez que:

A educação nunca é uma atividade puramente intencional, os modos de relação, a dinâmica afetiva da estrutura familiar, a maneira como a criança se situa nessa trama e a submissão ou resistência que a ele se opõe aparecem como coordenadas cuja importância é mais e mais considerada na socialização (LE BRETON, 2012, p. 8-9).

Em se tratando de educação, é importante situarmos a escola como um local no qual a educação do corpo ocorre dos mais diferentes modos, com os recados sobre o não correr, o não se movimentar, o andar em filas, o cumprimento das ordens, as rotinas, certos ambientes fechados e o vestuário padronizado. Ou seja, existe um amplo processo de educação do e no corpo na escola que transcende o tempo e espaço das aulas e da relação professor e aluno (STAZZACAPPA, 2001; VAZ, 2018; BEZERRA; FURTADO, 2022). No caso da área da Educação Física, pensar sobre a sua contribuição para a educação do corpo e o lugar do corpo no processo de ensino e aprendizagem de seu objeto de conhecimento é tarefa ainda mais instigante, dado que existe certa expectativa social (geralmente mecanicista) de que essa disciplina intervenha no corpo dos sujeitos

Logo, discutir de qual modo o corpo se faz presente no processo de ensino e aprendizagem das práticas corporais na Educação Física se faz extremamente importante, tendo em vista que as aulas de Educação Física durante muito tempo vêm ignorando o corpo enquanto um ser histórico e cultural. Dessa forma, Betti (1994) enfatiza que é preciso que a Educação Física Escolar não se transforme num discurso sobre a cultura corporal de movimento, mas sim numa ação pedagógica com ela. Sendo assim, o foco principal deste trabalho é a questão do corpo nas aulas de Educação Física, por isso, temos como pergunta problema: qual o lugar do corpo no processo de ensino e aprendizagem das práticas corporais tendo em vista a construção de um projeto crítico e emancipatório de educação escolar? Afinal, sabe-se que na área da Educação Física as práticas corporais são as mais diversas, e o corpo deve vivenciá-las em sua totalidade.

Metodologicamente, trata-se de um estudo de abordagem qualitativa a partir de fontes bibliográficas (SEVERINO, 2016). Para a reflexão sobre a questão levantada, selecionamos autores clássicos e emergentes da Educação Física brasileira que discutem os temas do corpo e das práticas corporais relacionados com a Educação Física Escolar. Assim, destacamos os trabalhos de Betti (1994), Bracht (1999, 2005, 2014), Gonçalves (1994), Soares *et al.* (1992), Vaz (2002), Fensterseifer (2012), Silva (2014), Ludorf (2009) e Furtado (2020a). Além desses estudos específicos do campo da Educação Física, fizemos uso dos trabalhos de Nóbrega

(2005), Le Breton (2012) e Freire (2016), tendo em vista a ampliação da discussão sobre o corpo do ponto de vista da sociologia e da educação.

Do ponto de vista da organização lógica deste estudo e apresentação dos resultados da pesquisa, dividiremos esse trabalho em mais dois tópicos além desta introdução. No tópico seguinte, faremos inicialmente uma discussão mais ampla sobre concepções de corpo e suas relações com a área da Educação Física, para em seguida, adentrarmos nas especificidades e meandros do debate a respeito do lugar do corpo no processo de ensino e aprendizagem das práticas corporais na escola contemporânea. Por último, faremos nossas considerações finais.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Notas iniciais sobre corpo e Educação Física Escolar

Como ponto de partida, é importante destacar que o corpo introduzido na Educação Física sofreu muitas mudanças durante os anos. Primeiro foi utilizado como modo de intervenção pelos militares nos séculos XVIII e XIX para atribuir saúde e capacidade de produtividade aos trabalhadores, sendo assim esse era incrementado como forma de gerar saúde/higiene aos homens. Mais adiante, no século XX, o corpo se conectou com os moldes das práticas esportivas, que estão ligadas diretamente aos ensinamentos de alto rendimento e da concorrência. Esse último será pauta de discussão do trabalho, pois observa-se que ainda está fortemente enraizado como forma hegemônica de introdução aos estudos/práticas desenvolvidas na Educação Física no campo escolar (BRACHT; ALMEIDA; WENETZ, 2018).

Para Bracht (1999), até o advento do esporte nos anos 1970, a educação integral sobre o corpo era sustentada, sobretudo, pela biologia, sendo entendida na perspectiva de sua contribuição para o desenvolvimento da aptidão física e esportiva. Essa visão, no entanto, ainda perdura na Educação Física, como pode ser verificado na análise dos depoimentos do estudo feito por Ludorf (2009), que denotou resquícios de uma Educação Física de viés técnico-fisiológico. Entretanto, Ludorf (2009) ressalta que os professores que abordam criticamente aspectos ligados ao corpo na perspectiva de situá-lo e melhor compreendê-lo na contemporaneidade, podem estar operacionalizando, em suas *práxis*, visões alternativas que possibilitem a compreensão do corpo como um processo de construção sociocultural. Pois, é extremamente importante olhar para esse corpo para além de uma visão fragmentada dele enquanto um objeto reprodutor de movimento nas aulas de Educação Física.

É necessário que o corpo seja visto enquanto um sujeito histórico e social que traz consigo suas vivências e que precisam ser respeitadas. Somos corpos diferentes, cada um com suas especificidades como, por exemplo, os corpos quilombolas, indígenas, LGBTQIA+, deficientes, entre outros que estão presentes também no espaço escolar e trazem consigo suas vivências socioculturais e que se manifestam nas aulas de Educação Física. Dessa forma, torna-se importante que o ensino do objeto de estudo da Educação Física na escola, isto é, das práticas corporais da cultura corporal de movimento (FURTADO *et al.*, 2022), perpassa pelo corpo e respeite as peculiaridades e experiências socioculturais de cada sujeito, ou seja, para que esses corpos não sejam excluídos, mas sim inclusos na prática de ensino dos professores de Educação Física.

De acordo com Bracht (2005), a Educação Física se caracteriza como uma forma de intervenção pedagógica a partir e com diferentes práticas corporais de movimento. No entanto, ao vermos o corpo sendo trabalhado nas aulas verificamos que o principal conteúdo aplicado ainda por muitos professores é o esporte em sua perspectiva meramente técnica e mecânica, não considerando, muitas vezes, outras atividades como a dança, a ginástica, as lutas, os jogos etc. Ou seja, não permitindo que esses diversos corpos vivenciem outras áreas da Educação Física, ficando apenas na centralidade do esporte, o que contribui para o afastamento e exclusão de estudantes dentro da Educação Física (NARDON; DARIDO, 2017). O corpo talvez seja um dos mais fortes vetores de construção de identidade no mundo contemporâneo. Para Vaz (2002, p.92) “seria bom que se pensasse, então, o papel dos ambientes educacionais em meio à diversidade de técnicas necessárias para o assessoramento e criação/desenvolvimento de identidades corporais”. Esse para Ludorf (2009) seria um ponto central para que se debata o papel da Educação Física nos ambientes educacionais, bem como algumas possíveis orientações para a formação de educadores.

Nesse sentido, Ludorf (2009) ressalta ser fundamental que o professor esteja preparado para lidar criticamente com as novas demandas corporais, ou antes, que reflita sobre o impacto das mesmas no processo de sua formação, para que possa exercer plenamente sua função de educador. Assim sendo, Bracht (1999, 2014) destaca que o quadro das propostas pedagógicas da Educação Física brasileira apresenta bastante diversificado, embora as práticas pedagógicas ainda resistam a mudanças. Ou seja, a prática acontece em muitos casos ainda balizada pelo paradigma da aptidão física e esportiva.

Mais recentemente, o estudo organizado por Bracht, Almeida e Wenzel (2018) demonstrou que para além das práticas orientadas pelo modelo esportivo com foco no

desenvolvimento da aptidão física dos estudantes, o cotidiano da Educação Física Escolar tem sido dominado por práticas em que os docentes simplesmente abandonam a tarefa de ensinar/socializar conteúdos, esvaziando assim o sentido das aulas de Educação Física. Esse tipo de conduta tem sido denominada pela recente produção de conhecimento em Educação Física como desinvestimento pedagógico.

Pela perspectiva da discussão até o momento apresentada, acreditamos que já possuímos evidências suficientes para afirmarmos que apesar do objeto de ensino da Educação Física não ser o corpo propriamente dito, em virtude da especificidade deste componente curricular, que se apresenta na forma de um saber fazer, um saber sobre esse fazer e um sentir sobre o fazer (BETTI, 1994; BRACHT, 2014), o corpo estará sempre presente no processo de ensino e aprendizagem das práticas corporais. Mais ainda, ele não será somente um meio impreterível para aprender sobre práticas corporais, mas será também educado nesse processo, uma vez que toda forma de intervenção cultural realizada na escola se apresenta como um complexo processo de educação do corpo.

Em virtude dessas problemáticas, é preciso compreender a necessidade de trabalhar o corpo nas aulas de Educação Física com a função de mostrar a importância e incentivar cada indivíduo a descobrir o corpo por meio das muitas linguagens que geram expressões próprias e significativas, mediante um trabalho que crie possibilidades de integração do corpo com aspectos como trabalho, lazer, saúde, meio ambiente e tecnologias. Segundo Gonçalves (1994), o corpo na aula de Educação Física acaba sendo disciplinado e não tendo o momento de ter experiências de movimento. Colocando a figura do professor como um ditador na busca do movimento e não na condição de um agente que auxilia na criação do movimento corporal do estudante. Para Silva (2014), nesse longo percurso histórico e, sobretudo, na modernidade, o corpo - o meu corpo como algo que o eu possui como propriedade - foi tornado objeto de conhecimento a partir de sua separação com aquilo que é o não-corpo; da separação de sua materialidade aparente e daquilo que estava oculto pela pele. O corpo tornado objeto torna-se uma propriedade do sujeito.

Assim, Bracht (1999) aponta que o papel da corporeidade na aprendizagem foi historicamente subestimado e negligenciado e que hoje é interessante perceber um movimento no sentido de recuperar a “dignidade” do corpo ou do corpóreo no que diz respeito aos processos de aprendizagem, sendo fundamental entender o objeto da Educação Física, o movimentar-se humano, não mais como algo biológico, mecânico ou mesmo apenas na sua dimensão psicológica, e sim como fenômeno sociocultural. Por esta razão, Bracht (2005, 2014)

tem reivindicado ao corpo a posição não mais de mero objeto, mas a de sujeito, ou seja, uma nova relação entre sujeito e objeto.

De acordo com Ludorf (2009) a educação em geral, nas suas mais diferentes manifestações, em si já contribui para inscrever significados e valores no corpo. Ao lidar com o ser humano e o corpo em constante construção e interação com o contexto social, a Educação Física não pode deixar, portanto, de ser entendida como uma prática educativa, ou, ainda, como prática social, já que se ocupa do educar por meio do movimento. Nesta perspectiva, espera-se, da Educação Física, a tarefa de “esculpir” o corpo, para além do sentido puramente estético ou literal da palavra, mas, em um sentido amplo, de formação humana.

Cabe ressaltar ainda, como pontua Vaz (2002), que as aulas de Educação Física exibem um conjunto rico de manifestações e de expressões socioculturais, demonstrando ser um espaço privilegiado para o debate em torno dessas múltiplas relações. Desse modo, os conteúdos da Educação Física devem dialogar com as diversas temáticas sociais a partir da cultura corporal, possibilitando aos alunos uma reflexão acerca de sua situação, condição e papel social, tendo como ponto de partida essas práticas pedagógicas (SOARES *et al.*, 1992). Dessa forma, o corpo tem um lugar muito importante no processo de ensino e aprendizagem das práticas corporais na Educação Física Escolar, dado que é por intermédio dele que cada indivíduo se expressa socialmente, trazendo consigo suas vivências, conhecimentos e aprendizados. Para Bracht (1999), educar o comportamento corporal é educar o comportamento humano. Logo, introduzir os indivíduos no universo da cultura corporal ou de movimento de forma crítica é tarefa da escola e especificamente da Educação Física. E isso perpassa certamente por uma renovada concepção de corpo.

Nóbrega (2005) ao tratar sobre o lugar do corpo na educação, indagafundamentalmente sobre o modo pelo qual o corpo foi compreendido nos currículos escolares, sobretudo na relação com a construção e apropriação dos saberes na cultura escolar. Para a autora, pensar o lugar do corpo na educação em geral e na escola em particular é inicialmente compreender que o corpo não é um instrumento mecânico das práticas educativas, portanto as produções humanas são possíveis pelo fato de sermos corpo. Ler, escrever, contar, narrar, dançar, jogar são produções do sujeito humano que é corpo. Logo, a autora pontua que o desafio se encontra em considerar que o corpo não é instrumento para as aulas de Educação Física ou de artes, ou ainda um conjunto de órgãos, sistemas ou um mero objeto para a execução de programas de promoção de saúde ou lazer. Nosso corpo carrega

marcas sociais e históricas, logo, questões culturais, de gênero, de pertencimentos sociais podem ser lidas no corpo. Dessa forma, pensar o lugar do corpo na educação significa evidenciar o desafio de nos percebermos como seres corporais.

Corpo e processo de ensino e aprendizagem no âmbito das práticas corporais

Em alguns momentos certos apontamentos podem parecer óbvios, como, por exemplo, dizer que o corpo se encontre no processo de ensino e aprendizagem das práticas corporais na escola. Contudo, a questão de fundo, e talvez a mais importante, trata-se de compreendermos como o corpo pode ser protagonista das práticas educativas que se propõem a serem críticas e emancipatórias, tal como aquelas orientadas pelas grandes pedagogias e narrativas sobre a Educação Física Escolar produzida nos meandros dos anos 1990 (FURTADO, 2020b). Considerando as reflexões anteriores desse estudo, podemos dizer que o corpo nas aulas de Educação Física pode tanto ser tratado de modo instrumental e biologicista, como pode ser concebido em perspectiva ampliada e não restritiva das experiências dos sujeitos.

É importante reafirmar, que o corpo não é o objeto de ensino da Educação Física. Quer dizer, os estudantes não vão para a escola estudar e aprender somente sobre o corpo, e sim sobre um campo de conhecimento que o tangencia a todo o momento. Em perspectiva mais epistemológica, falamos do se movimentar ou da cultura corporal de movimento como o objeto de estudo da Educação Física (BRACHT, 1999, 2005). Esse campo, se expressa por via de uma gama de práticas corporais historicamente construídas pelo conjunto da humanidade. Assim, preferimos falar que nosso objeto de intervenção pedagógica na escola são as práticas corporais da cultura corporal de movimento (FURTADO *et al.*, 2022).

Fensterseifer (2012) realiza uma discussão em torno de qual seria o significado do aprender no âmbito da Educação Física. De acordo com o autor, enfrentar esta questão neste momento da Educação Física brasileira adquire um significado particular, pois os conteúdos desta agora “disciplina”, não são do âmbito da natureza, mas retirados do universo do que temos justamente como já mencionado anteriormente por Furtado *et al* (2022) denominado, não sem dificuldades, “Cultura Corporal de Movimento”. Entretanto, para Fensterseifer (2012), as implicações desta percepção nos permitem pensar, retrospectivamente, que a Educação Física priorizou em sua história pregressa objetivos que ignoravam o vínculo sócio-histórico-cultural de seus conteúdos com a especificidade da educação escolar. Algo facilmente exemplificado ao propor finalidades educativas como: saúde, aptidão física, desenvolvimento motor e rendimento esportivo. Todos referenciados em indicadores físicos.

Segundo ainda Fensterseifer (2012), dar conta destes propósitos não tem sido tarefa fácil, não só pelas dificuldades inerentes à atividade educacional, mas, em particular, pela ausência de uma tradição de pensarmos a Educação Física como componente curricular, o que significa ter um compromisso com o conhecimento nas dimensões já anunciadas por Betti (1994) e Bracht (2014). Nóbrega (2005) nos apresenta que o corpo e o movimento, apesar de valorizados nos processos educativos, ainda são considerados elementos acessórios na formação do ser humano. Para a autora, a compreensão do corpo como elemento acessório no processo educativo ainda é predominante. Nóbrega (2005) faz então uma reflexão com apontamentos de outros caminhos de compreensão do corpo na educação, segundo uma atitude que busca superar o instrumentalismo e ampliar as referências educativas ao considerar a fenomenologia do corpo e sua relação com o conhecimento, incluindo reflexões contemporâneas sobre os processos cognitivos advindos de uma nova compreensão de percepção.

De acordo com Silva (2014), corpo e práticas corporais são conceitos mutuamente referenciáveis. Ou seja, ao falarmos sobre práticas corporais e processos de aprendizagem, estamos diretamente tratando do corpo, já que o conceito de práticas corporais engloba o corpo e o movimento. Silva (2014) considera as práticas corporais como manifestações que se expressam principalmente no e pelo o corpo, que possuem um conjunto de técnicas específicas organizadas dentro de uma lógica interna (modos específicos de funcionar), que ao serem praticadas em um determinado contexto sociocultural, apresentam significado coletivo, além de finalidades subjetivas, componentes lúdicos e ritualísticos.

Para Ludorf (2009), o professor de Educação Física vê-se, a todo tempo, envolvido com técnicas corporais e com a cultura do corpo nos mais variados ambientes, como: escola, academia de ginástica, clube, universidade e demais espaços sociais. Mais do que uma atuação de cunho essencialmente técnica, o professor de Educação Física é um educador, na medida em que desempenha um papel formativo e contribui, em sua prática pedagógica, para a formação de valores socioculturais, subjetivos e políticos.

Inspirado pela antropologia de Mauss (2003) e pensando mais diretamente sobre o campo escolar, Furtado (2020a) assinala que as práticas corporais existem em decorrência da necessidade humana de construção de técnicas corporais para a intervenção no mundo. Logo, do ponto de vista das práticas corporais, essas técnicas se transformam em atividades dinâmicas, nas quais o corpo busca concretizar diferentes sensações e experiências ligadas a competição, ludicidade, azar, imitação etc. Além da esfera particular da produção de técnicas

que se transformam em atividades mais complexas como o jogo, esporte, luta, dança, ginástica, práticas corporais de aventura, dentre outras, Furtado (2020a) assevera que as práticas corporais por fazerem parte de contextos socioculturais, expressam um conjunto de intencionalidades políticas, sendo então objeto de disputa por diferentes grupos sociais. Sendo assim:

Grosso modo, é viável a afirmação de que o que chamamos de práticas corporais, formam-se a partir de um conjunto de técnicas, de dinâmicas e de intencionalidades sociais. Ou seja, as danças, os esportes, as lutas, os jogos e brincadeiras, as ginásticas e as demais manifestações corporais que estamos por ora denominando de práticas corporais, possuem sempre uma gama de técnicas corporais e dinâmicas específicas que tornam possível os sujeitos reconhecerem tais manifestações como tal. Porém, por serem construções culturais, cada sociedade e grupo social projetam diferentes intencionalidades e valores para os usos destas práticas, que podem ir desde o consumo como mercadoria e o máximo rendimento, até o prazer, a fruição, a cooperação e a emancipação social (FURTADO, 2020a, p. 162).

Tanto na definição Silva (2014), como na de Furtado (2020a), é notável a relação das práticas corporais com o corpo, na medida em que os autores concordam que tais manifestações se mostram sobretudo no e pelo corpo. Sendo assim, se o corpo é o meio central de manifestação das práticas corporais, bem como de concretização de experiências como a competição, a ludicidade e a cooperação, podemos inferir que nos processos de ensino e aprendizagem sobre práticas corporais que ocorrem na Educação Física Escolar, o corpo necessita ser considerado como vetor central das práticas educativas, dado que “Já disse que conheço com meu corpo inteiro: sentimentos, emoções, mente crítica” (FREIRE, 2016, p. 174). Aliás, a noção freiriana de corpo consciente apresenta um interessante caminho para pensarmos o corpo na educação e Educação Física. Para Freire (2016), corpo consciente diz respeito tanto a consideração do ser humano em sentido geral, que possui sua existência materializada em ações corporais que são sempre refletidas em uma consciência “encarnada”, bem como a consideração de que aprendemos também com o corpo, dado que nós somos uma inteireza complexa e não uma dicotomia³.

Se somos corpos conscientes, se aprendemos também no e pelo corpo e se a área da Educação Física trabalha com um saber que se expressa eminentemente no nível corporal,

³ Furtado (2023) apresenta algumas contribuições do pensamento educacional e antropológico de Paulo Freire para a Educação Física Escolar. Dentre as contribuições elencadas, o autor destaca o conceito de corpo consciente como uma via possível para a legitimação de processos educativos que, sem negar a dimensão da reflexividade e criticidade, consideram que o ser crítico em educação e Educação Física perpassa também pelo corpo. Assim, teríamos na concepção freiriana de educação uma sofisticada narrativa pedagógica que sustenta a ideia de que o ser humano não se fragmenta no ato de aprender. Isso é fundamental para qualquer projeto de escola que visa se conectar com valores e preceitos democráticos e de justiça social, já que, é no corpo que se manifestam as mais deterioradas expressões da humanidade como o racismo, o preconceito destinado aos deficientes e várias outras formas de degradação da condição humana da diversidade.

devemos considerar o corpo em nossos processos de ensino e aprendizagem. Cabe dizer, que essa já era uma preocupação de Betti (1994) e Bracht (1999, 2005, 2014), ou seja, o modo como a Educação Física, ao se propor a contribuir com o discurso crítico e a perspectiva de emancipação social por via da educação escolar se relacionaria com os saberes corporais. Quer dizer, como poderíamos ser críticos na materialidade de nossas experiências pedagógicas, isto é, na vivência e reflexão das e sobre as práticas corporais. Soares (1999, p.5) já alertava que: “o corpo como primeiro plano de visibilidade humana, como lugar privilegiado das marcas da cultura [...], tem sido pouco considerado no campo da educação e, mais especificamente, no campo da educação física.”

Para os autores supracitados, esse seria um dos grandes desafios para a Educação Física Escolar emancipadora, ou seja, construir práticas pedagógicas críticas que transcendam a mera crítica conceitual sobre os fenômenos da cultura corporal de movimento, ao ponto de se projetarem como críticas também no nível da experiência sensível, em outras palavras, de sermos críticos no e pelo corpo (BRACHT, 2014). Dentro desse ponto de vista e, considerando que o conhecimento que a Educação Física tematiza na escola tem a ver com um saber fazer (dimensão prática/corporal), um saber sobre esse fazer (elementos teóricos e reflexivos) e um sentir sobre esse fazer (aspectos subjetivos), aguçamos nossa reflexão de que o corpo possui centralidade e importância no processo de ensino e aprendizagem das práticas corporais da Educação Física Escolar, não somente como um elemento a ser educado, e sim como lugar no qual experiências críticas, reflexivas e emancipadoras podem ser elaboradas.

Que fique registrado, a perspectiva que defendemos para a Educação Física Escolar e o lugar do corpo no processo de ensino e aprendizagem das práticas corporais de forma alguma desvaloriza os conceitos e a reflexão teórica. Aliás, em acordo com Betti (1994), reconhecemos este (o conceito) como uma dimensão fundamental das práticas corporais tematizadas na escola. No entanto, trata-se apenas de localizarmos o papel do corpo como vetor crítico das práticas de escolarização em Educação Física Escolar, e não como mero objeto que ou pode ser desconsiderado, ou tratado como menos importante em detrimento do apelo por uma racionalidade crítica que subvaloriza a necessidade da experiência corporal emancipadora dentro de um projeto de formação crítica em Educação Física (BEZERRA; FURTADO, 2022).

Nesse sentido, reafirmamos a centralidade do corpo no processo de ensino e aprendizagem das práticas corporais na Educação Física Escolar, na medida em que somos seres corporais (LE BRETON, 2012), aprendemos também com e pelo o corpo (FREIRE,

2016), a área da Educação Física apresenta um objeto de conhecimento que se manifesta sobremaneira pela dimensão corporal (SILVA, 2014; FURTADO, 2020a) e, esse conhecimento é complexo, ao ponto de falarmos que a aprendizagem crítica em Educação Física perpassa por uma imbricação formativa entre as esferas conceituais, corporais e subjetivas no âmbito da cultura corporal de movimento (BETTI, 1994; BRACHT, 2014).

3CONCLUSÃO

Frisamos que as considerações e os apontamentos construídos neste estudo tiveram como eixo de análise a importância das investigações que concebem o corpo como uma construção sociocultural que está imersa nas tentativas de consolidação das práticas corporais e sociais na Educação Física Escolar. Sendo assim, buscamos apresentar um conjunto de argumentos clássicos e contemporâneos para a legitimação do lugar do corpo nas aulas de Educação Física. Esse lugar, em nossa concepção é um lugar maior, que reconhece tanto as singularidades dos vários corpos presentes na escola, como a centralidade do corpo para aprender sobre práticas corporais. Foi nesse sentido que buscamos revitalizar o conceito de corpo consciente de Paulo Freire.

Portanto, é necessário que haja a consideração das amplas possibilidades de aprender no e pelo o corpo nas aulas de Educação Física, uma vez que este não pode ser disciplinado, mas precisa ter um momento de experiências corporais de movimento reflexivas. Foi nesse sentido, que propomos um lugar protagonista para o corpo nas aulas de Educação Física e no processo de ensino e aprendizagem das práticas corporais, dado que esse objeto de estudo se correlaciona diretamente com o corpo.

Nossa proposição diz respeito a desnaturalização do corpo nas aulas de Educação Física, a partir do momento que consideramos a experiência social como integrada ao universo das práticas corporais da cultura corporal de movimento. Desse modo, indicamos que para além de uma importante temática sociológica presente no campo educacional, debater corpo no âmbito da Educação Física significa (re)pensar sobre a natureza e a intencionalidade da prática pedagógica desenvolvida neste componente curricular.

No limite, conhecer dentro do universo das práticas corporais implica reconhecer que podemos aprender pelo o corpo, assim como podemos refletir sobre tais aprendizagens e a respeito de um conjunto de valores, crenças, simbolismos e interesses sociais historicamente vinculados às práticas corporais. Sendo assim, reforçamos a necessidade de mais reflexões sobre o lugar do corpo nas aulas de Educação Física, especialmente por parte daqueles que

projetam para esse componente curricular um horizonte crítico, reflexivo, dialógico, inclusivo e emancipador na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS:

BETTI, M. O que a semiótica inspira ao ensino da Educação Física. **Discorpo**. São Paulo, n. 3, p. 25-45, 1994.

BEZERRA, H. S; FURTADO, R. S. A escola sem corpo: considerações acerca da crise de legitimidade da Educação Física. **Motrivivência**, (Florianópolis), v. 33, n. 64, p. 01-19, 2021.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, Agosto, 1999.

BRACHT, V. Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento? In: SOUZA JÚNIOR, M (org.). Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica. Recife: **EDUPE**, 2005. p. 97-106.

BRACHT, V. **Educação Física & ciência: cenas de um casamento** (in) feliz. 4. ed. unijuí, 2014.

BRACHT, V; ALMEIDA, U; WENETZ, I (orgs.). **A educação física escolar na américa do sul: entre a inovação e o abandono/desinvestimento pedagógico**. Curitiba: Editora CRV, 2018.

GONÇALVES, M.A.S. **Sentir, Pensar, Agir: Corporeidade e educação**. Campinas: Papyrus. 1994.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. O que significa aprender no âmbito da cultura corporal de movimento?. **Atos de pesquisa em educação**, v. 7, n. 2, p. 320-328, 2012.

FREIRE, J.B.**Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. 1. Ed. – São Paulo: Scipione, 2011.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FURTADO, R. S. Contribuições de Paulo Freire para a Educação Física escolar. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, MG, v. 22, n. 1, p. 150–170, 2023.

FURTADO, R. S. Em busca da mediação entre as pedagogias críticas do esporteda Educação Física escolar. **Arquivos em movimento**, v.16, n.1, p.135-149, Jan-jun, 2020b.

FURTADO, R. S. Práticas corporais e educação física escolar: sentidos e finalidades. **Corpoconsciência**, v. 24, n. 3, p.156-167, set./ dez., 2020a.

FURTADO, R. *Set al.* Formação para a autonomia e emancipação no âmbito das práticas corporais da Educação Física escolar. **REVASF**, Petrolina-Pernambuco -Brasil, vol. 12, n.28, p. 1-29, 2022.

LE BRETON, D.A **sociologia do corpo**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LÜDORF, S. M. A. Corpo e formação de professores de educação física. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 13, p. 99-110, 2009.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

NARDON, T. A; DARIDO, S. C. Ensino médio: o afastamento das aulas de Educação Física. In: DARIDO, S. C (org.). **Educação Física no ensino médio: diagnósticos, princípios e práticas**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2017.

NÓBREGA, T. P. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. **Educação & Sociedade**, v. 26, p. 599-615, 2005.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

SILVA, A. M. Entre o corpo e as práticas corporais. **Arquivos em movimento**, v. 10, n. 1, p. 5-20, 2014.

SILVA, M. C; BAPTISTA, G. G. O Corpo na/da Escola: As possibilidades da Educação Física Escolar na (des) construção das representações corporais. **Revista Contemporânea de Educação**, vol. 9, n. 18, julho/dezembro de 2014.

SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, C.L. (Org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001 (Coleção Educação Contemporânea). _____. (Org.). **Corpo e educação**. Cad. Cedes, v.19, n.48, p.5-108, 1999.

STRAZZACAPPA, M. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cadernos Cedes**, ano XXI, no 53, abril/2001.

VAZ, A. F. Dos corpos infantis em ambientes educacionais. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 47-56, set. 2018.

VAZ, A. F. Ensino e formação de professores e professoras no campo das práticas corporais. In: VAZ, A. F; SAYÃO, D. T; PINTO, F. M. Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a Prática de Ensino de Educação Física. Florianópolis: **Ed. da UFSC**, 2002.